

ELTON PANAMBY

Curadoria: Maria Bogado

Texto: Maria Bogado com Liv Sovik





...pensem em como essas culturas têm usado o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação.

— Stuart Hall. “Que ‘negro’ é esse na cultura negra?” (1990).

Figura 1. Sagração de urubutsin. Performance-ritual de apresentação da dissertação *Corpo-limite* (2013)

Vídeo 1. Performance-ritual de apresentação da dissertação de mestrado *Corpo-limite* (2013): https://www.youtube.com/watch?time_continue=1&v=UUjqLmS1XJI&feature=emb_title&ab_channel=Quartoimaginario

Nos últimos anos, o questionamento sobre o que é ser mulher, central para o feminismo dos anos 1960 em diante, desembocou em outro, mais radical, sobre o que é ser humano. Registros das experiências artísticas de Elton Panamby, performer, pesquisador e professor, são apresentados no portfólio deste número da revista *ECO-Pós*. Eles trazem ventos de lugares onde esse radicalismo — e a disposição de colocar abaixo, trabalhando no próprio corpo, os consensos heteronormativos, binaristas, racistas e classistas — é um tema central da discussão estética e política. Radical também na crítica ao individualismo, Elton vive e investiga práticas conjuntas e diálogos que envolvem diferentes saberes e corpos. Formado em Comunicação e Artes do Corpo (PUC-SP/2009), sua presença no Rio enquanto fazia mestrado (2013) e doutorado (2017) em Artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, marcou o pensamento queer e transfeminista muito além dessa cidade, impactando muitos jovens em seus processos de arte e vida.

Pessoa trans não binária negra, nasce na periferia de São Paulo, Elton reivindica e, ao mesmo tempo, desestabiliza as possibilidades de construção de identidade em torno desses marcadores sociais, trabalhando a superfície de seu corpo com diversos materiais e adornos, e instrumentos de tatuagem e cirúrgicos operados por seu parceiro Filipe Espíndola. Com o ímpeto da transformação, suas expressões artísticas podem abarcar desde perfurações e cortes radicais em sua própria pele e tecido muscular, a carinhos sutis e até mesmo o gozo. Seus jogos de composição complexificam a relação entre som e ruído, visibilidade e invisibilidade, materialidade e sentido. De difícil categorização, seus trabalhos extrapolam os limites da performance e aproximam-se de noções mais abertas como aparição ou ritual, em diálogo com tradições afro-indígenas. Em processos de modificação corporal e experimentações com a própria pele como matéria de inscrição da palavra, Elton provoca um tensionamento contínuo na relação entre corpo e escrita.

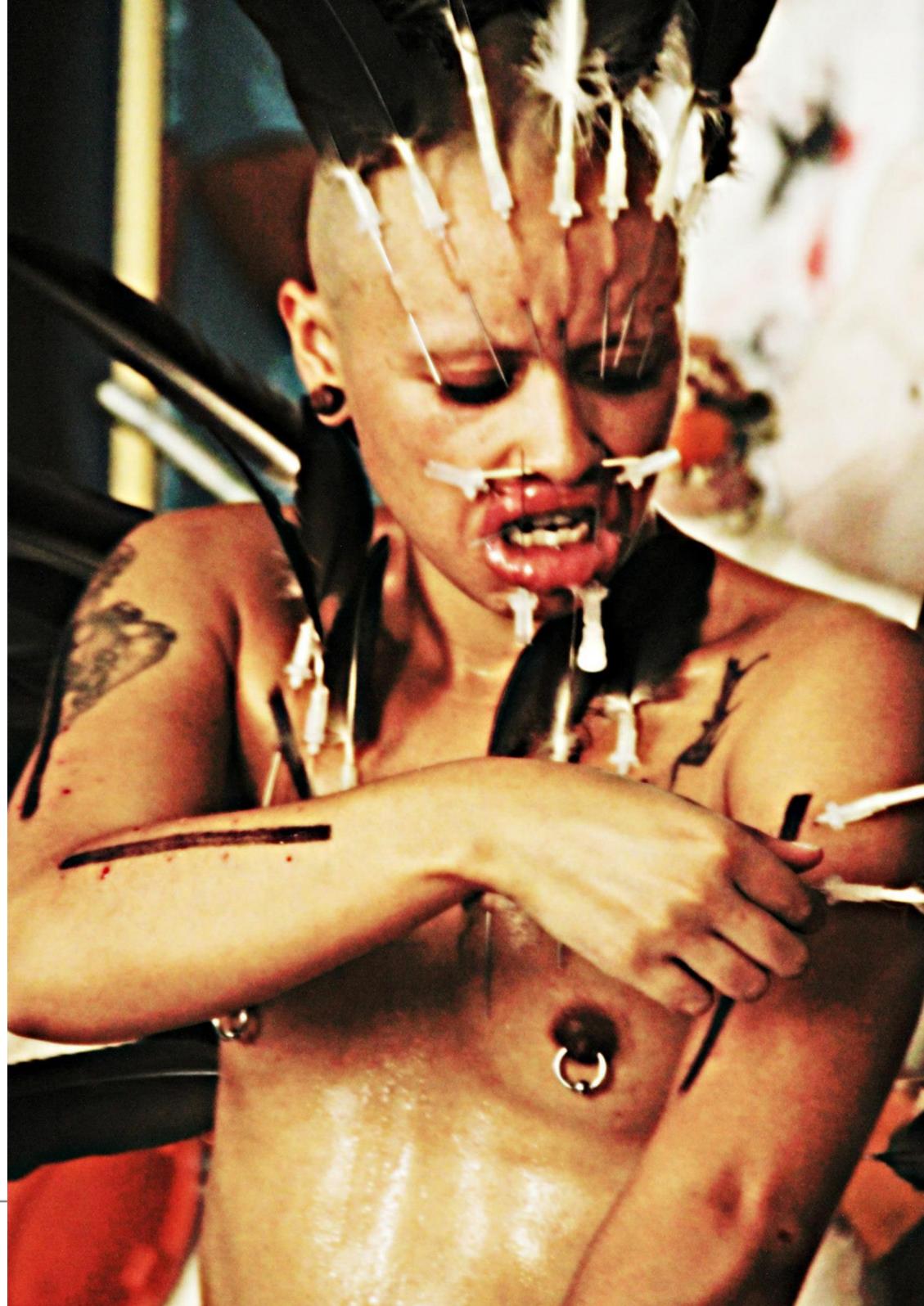


Figura 2. Sagração de urubutsin.

A centralidade do corpo dialoga com a percepção dos feminismos contemporâneos, em especial de suas vertentes queer, de que não existe um corpo sexuado dissociável da cultura, mesmo o “biológico” é um campo de disputa discursiva e política. Assim, o diálogo de seu trabalho com o transfeminismo e sua luta por direitos, abarca problematizações mais amplas e igualmente urgentes como o binarismo que define a fronteira entre natureza e cultura. De modo mais geral, a opção pelo corpo como fonte central de expressividade também ressoa os modos de ativismo dos feminismos contemporâneos, que, desde o início desta década, têm tomado as ruas em manifestações notoriamente performáticas no Brasil e no mundo.

Desinteressada nas máquinas do sistema de arte, cria comunidades, acontecimentos e impacto ao produzir uma presença física marcante, bela e íntegra. Sua trajetória artística e intelectual se faz em múltiplas parcerias e no esforço de criação de territórios de encontro e troca de saberes fora das instituições convencionais de arte e ensino. Seu trabalho se desdobra a partir de diversas

colaborações, tais como: coletivo transnacional La Pocha Nostra, Cia. Phila 7 (BR), Pedra Costa (BR/DE), Bloco L!vre Reciclato (BR), Ramusyo Brasil (BR), Rocio Boliver (MEX), Ron Athey (EUA), Michelle Mattiuzzi (BR), Yann Marusich (CH), Filipe Espindola, e outros. No período em que realizou pós-graduação no Rio de Janeiro, morou na *Casa 24*, localizada no Centro da cidade. Nesse espaço, coordenou debates, exposições, oficinas, residências artísticas, festas, entre outras práticas culturais. A *Casa 24* foi um terreno crucial para trocas afetivas e políticas entre jovens dissidentes de gênero universitários e/ou periféricos nesta capital. O nome da casa é uma homenagem à antiga ocupação *Casa 24* localizada no Morro da Conceição, na qual pessoas na luta por moradia também pautavam a desigualdade de gênero em suas militâncias, até sofrerem um despejo violento.

Marcadas pelo tom de imbricação entre arte e ativismo característico das experimentações coletivas do início da década passada, Elton e seus companheiros da *Casa 24* a definiam como um espaço para:

pensar e viver o corpo como campo de batalha e os encontros como exercício de potências e compartilhamento das forças. (...) procuramos discutir e friccionar questões relacionadas às normatividades e processos de gentrificação, castração e catequese: corpos, casas, cidades. Pequenas células para pulsar no coletivo.

O local foi permeado pelo trânsito de diversos coletivos da cidade, tais como *Coyote*, *Formiga Preta*, *Seus Putos*, *AcSeita Coletivo*, *STA!*, *Movimento Cidades Invisíveis*, além do *Prepara Nem*, responsável pela organização do pré-vestibular comunitário para pessoas trans, coordenado pelo pensador e ativista Indianarae Siqueira. As performances-rituais de defesa de dissertação de mestrado e tese de doutorado de Elton, apresentadas neste portfólio, foram realizadas na *Casa 24* com forte presença dos frequentadores¹. Em *Sagração de Urubutsin* (Figura 1, 2), no ano de 2013, a intervenção profun-

¹ A dissertação é intitulada *Corpo-Limite* (2013) e a tese *Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne Pedregulhos pornográficos e ajuntamentos gózmicos para pesar Eu não sabia que sangrava até o dia em que jorrei* (2017).

damente material de perfuração do corpo com agulhas cirúrgicas que pregavam penas de pássaro em sua pele explorava as potências de alteração e escape das formas humanas. Já em *Banho de Rosas* (Figura 3, 4, 5, 6), ao concluir o seu doutorado quatro anos depois, Elton encontrava-se em período de gestação. Propôs uma ação simples: banhar sua mãe, Lúcia Rosa, e ser banhada por ela. A sutileza no manejo da água e das pétalas de flor reivindicava a força invisível dos afetos ao estabelecer um “pacto geracional” entre os que já foram e os que estavam por vir.

Apresentamos, ainda, outras experiências realizadas nesse período de escrita da dissertação e tese, acompanhadas de suas elaborações poético-teóricas, considerando-se a força literária e conceitual de suas palavras. O psiquiatra e pensador dos processos de descolonização Frantz Fanon, a feminista mestiça Gloria Anzaldúa e os Racionais MC, grupo de rap do Capão Redondo, localidade onde Elton foi criado, são alguns dos marcos centrais na constelação de referências de sua escrita.



Figura 3. Banho de rosas.

Vídeo 2. Performance-ritual de apresentação da tese *Perenidades, porosidades e penetrações: [trans]versalidades pela carne Pedregulhos pornográficos e ajuntamentos gózmicos para pesar Eu não sabia que sangrava até o dia em que jorrei* (2017): <https://vimeo.com/207640840>



Figura 4. Banho de rosas.



Figura 5. Banho de rosas.



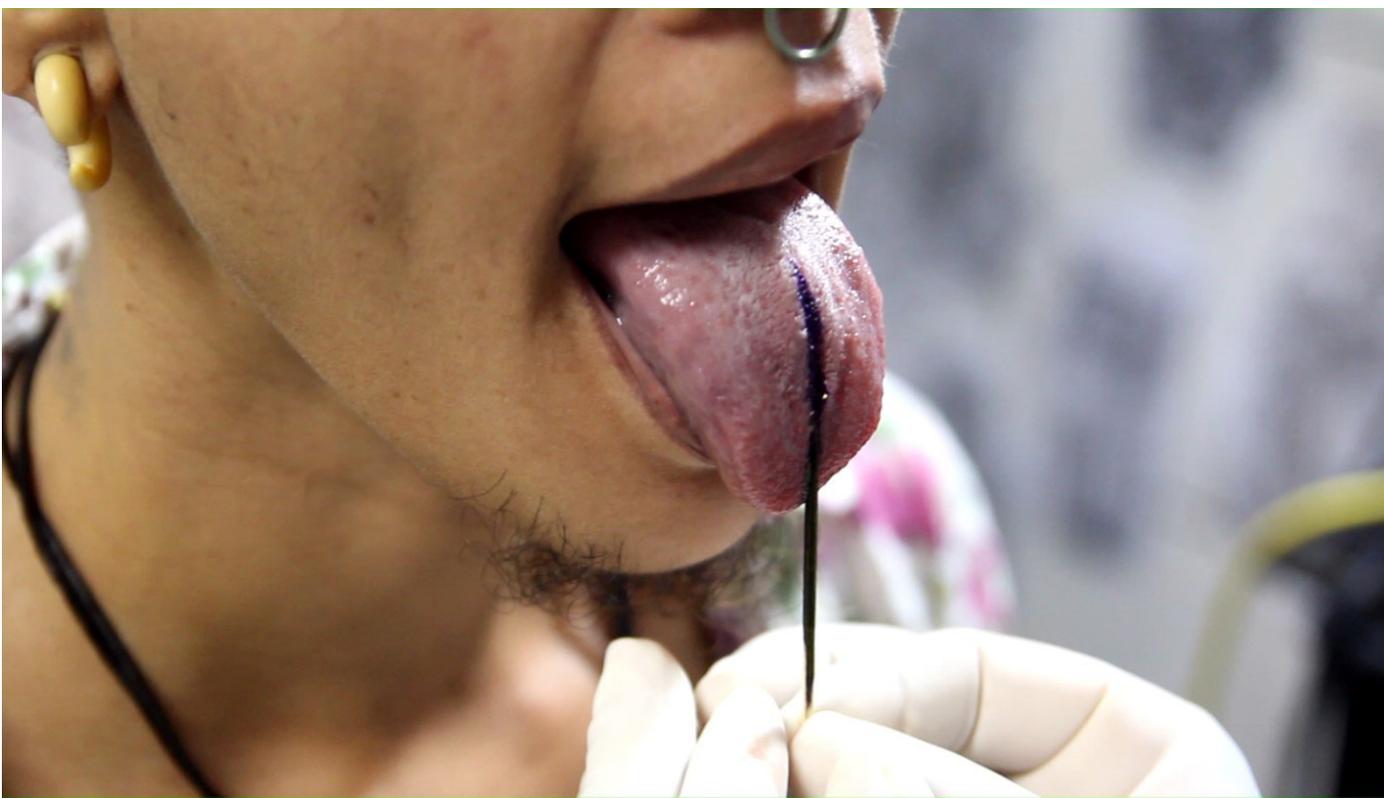
Figura 6. Banho de rosas.

Na performance *Línguas Selvagens* (2016) (Figura 7, 8, 9, 10), Elton corta sua língua ao meio. Em um só corte, desmantela distintas camadas de violência epistemológica. Por um lado, evoca a capacidade de resistência dos povos colonizados que insistem no trânsito entre línguas, em vez de ceder à imposição de uma língua oficial. Por outro lado, a intervenção cirúrgica explicita a desnaturalização dos corpos biológicos que impõem a binariedade de gênero. Seu corte, ao aproximá-lo da figura de um lagarto, é também um gesto de distanciamento e recusa do humanismo, categoria forjada na subalternização das mulheres e exploração dos povos não brancos. Essa língua aberta gesta, no vazio de seu buraco, um mundo para o qual ainda não se tem palavras, mas que já sabemos que não pode ser pensado com a mesma sintaxe e vocabulário que forjaram esse mundo como o conhecemos. Na opacidade do buraco, que se faz visível justo na revelação da fissura, vislumbra-se um modo de intervenção próprio da poética feminista negra tal como elaborada por Denise Ferreira da Silva. O trabalho de Denise é dedi-

cado a compreender os modos de funcionamento das “arquiteturas jurídico-econômicas que constituem o par Estado-Capital”, que operam não só sob a lógica da exclusão, mas também pela expropriação e obliteração da população não branca. Por reconhecer essa “lógica perversa”, a poética feminista negra “pode se dar ao luxo de violar a regras do pensamento moderno”. Ela conclui:

A poética negra feminista vislumbra a im/possibilidade da justiça, a qual, desde a perspectiva do sujeito racial subalterno, requer nada mais nada menos do que o fim do mundo no qual a violência racial faz sentido, isto é, do Mundo Ordenado diante do qual decolonização, ou a restauração do valor total expropriado de terras nativas e corpos escravos, é tão improvável quanto incompreensível.²

² *Idem.*



Figuras 7 e 8. Línguas selvagens.

SÓ NA CARNE A LINGUAGEM SE FAZ LÍNGUA

Partiu pá pá pá cortá

Cindir a corte

O corte

Para evocar o réptil através da língua bisturi através da língua construção de um corpo de passado um corpo passado um corpo passado um corpo passado jogos jogos jogos

Largato

Dizendo adeus à essa língua para abrir caminho para o largato passar.

Olha o largato! 05 de outubro de 2016. Atravessando a cidade de São Paulo da zona sul a zona leste para atravessar a carne. Na boca um segredo escondido em cada papila. Suores pelo peito, virilha e axila. Arrepios, rápidos espasmos. Movimentos involuntários do corpo que se voluntaria a passar pelo corte. Um corte para acabar com a corte...

Não só a língua, mas o corpo inteiro parece cindir ao meio dividindo os meridianos. Inspirar respirar e transpirar. Cirurgia não autorizada.

Na intenção da criação de um sotaque outro, outras sintaxes para gramáticas não nascidas. Aberta está a terceira margem do rio da verborragia.

O segredo está guardado com Oxumarê. Línguas que desfalam descolonizam a fala... serpentina serpente voa rasteja lambe e dá dentadas... para descolonizar uma língua adestrada: água saliva sangra litros de suor fino atravessando a cidade

(...)

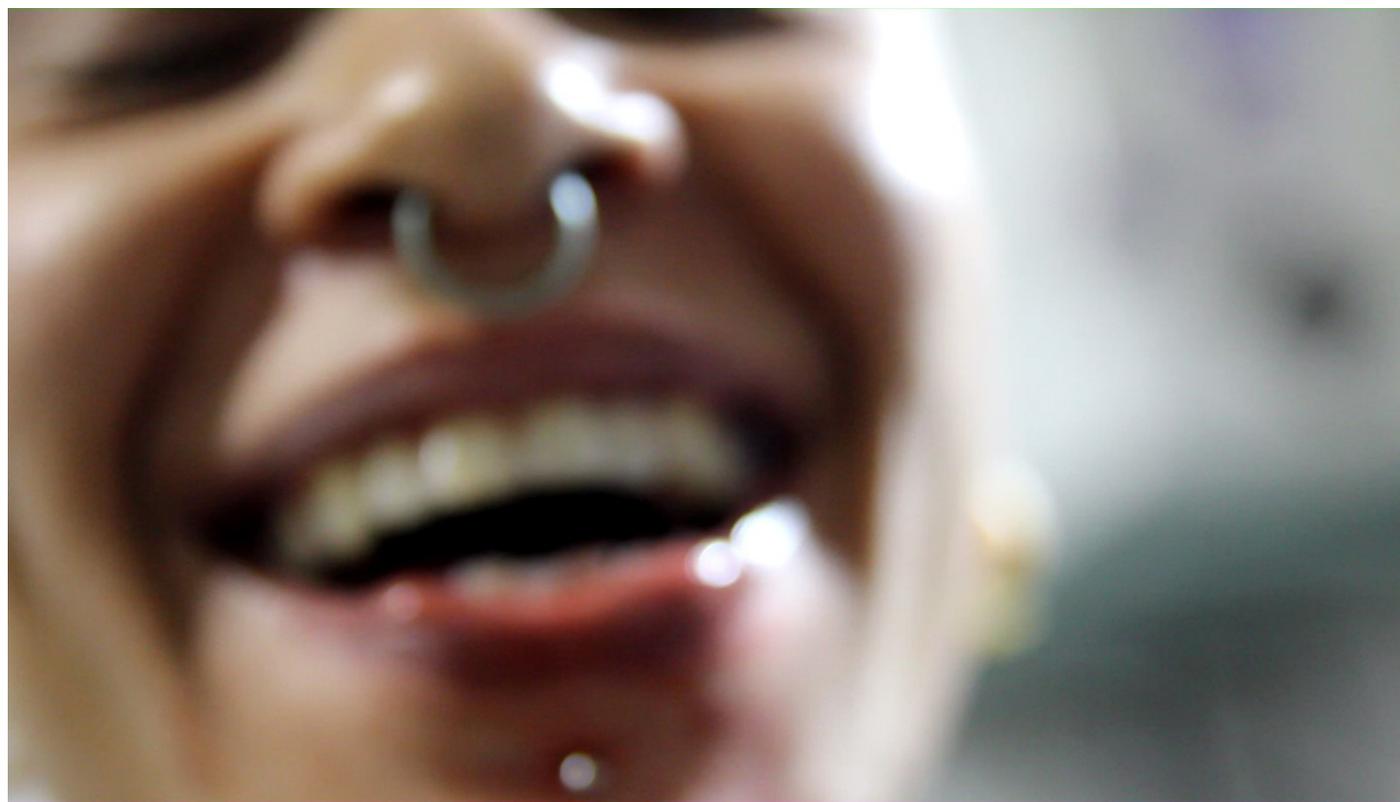
Mudei de sexo: abri uma buceta na boca. Quando amarra a boca é caqui verde. Abri uma terceira margem para ampliar o paladar e falar noutras línguas. Para falar na língua das serpentes. Stela do Patrocínio: “Me ensinaram a morder chupar roer lambe e dar dentadas”

(...)

Decepar as cabeças, decepar as línguas, afundar os olhos, ruminar os intestinos. Sou uma vaca mesmo. Leva de quatro. Não caber, abismar. Paraquedizar. Inferno inferno. O inferno dos outros sou eu. Não vai caber. Não vai dar. Eu não sou daqui. Como desfaz alienígena? Faz não. Com o tempo veio o não para dar espaço ao que não há. Silêncio. SILÊNCIO. Não. Humanos agora não. Pausar. Estancar. Estancar. Estancar. É um mapa de diáspora sangrado no chão da casa grande. Tão branquinho tudo lá. Querem que me foda. Querem me foder. Vou me vomitar.



Figuras 9 e 10. Línguas selvagens.



A performance *Sob o sol das cabras* (2017) (Figura 11) leva este título em referência à família paterna de Elton, que migrou do sertão pernambucano para São Paulo na década de 1960. Elton lê recortes de um livro manuscrito constituído ao longo de um ano, no qual mescla memórias de experiências urbanas recentes no Rio de Janeiro e da paisagem relatada pelos seus ancestrais. A leitura é permeada de trechos do seminal *Quarto de despejo* (1960) de Maria Carolina de Jesus, escrito na periferia de São Paulo. Fragmentos de sua leitura são transcritos com uma máquina de tatuar sem tinta manejada pelo seu parceiro, Filipe Espíndola, em suas costas. A força da pele que sustenta a perfuração remete à resiliência das cabras que pastavam, segundo lembra e artista, “sob um sol absoluto como uma insistência, uma teimosia e uma permanência da vida”. O sangue torna-se a tinta que compõe as palavras. Ao longo da leitura, escuta-se uma gravação com depoimentos de familiares, ruídos de rua, canto de cigarras, sons guturais, cantos indígenas, entre outros registros que compõem sua memória auditiva. O corpo de Elton se transforma em fala política, mas não sem convocar uma ampliação radical e sensível do campo da escuta, friccionando a palavra com outros sons e ruídos.

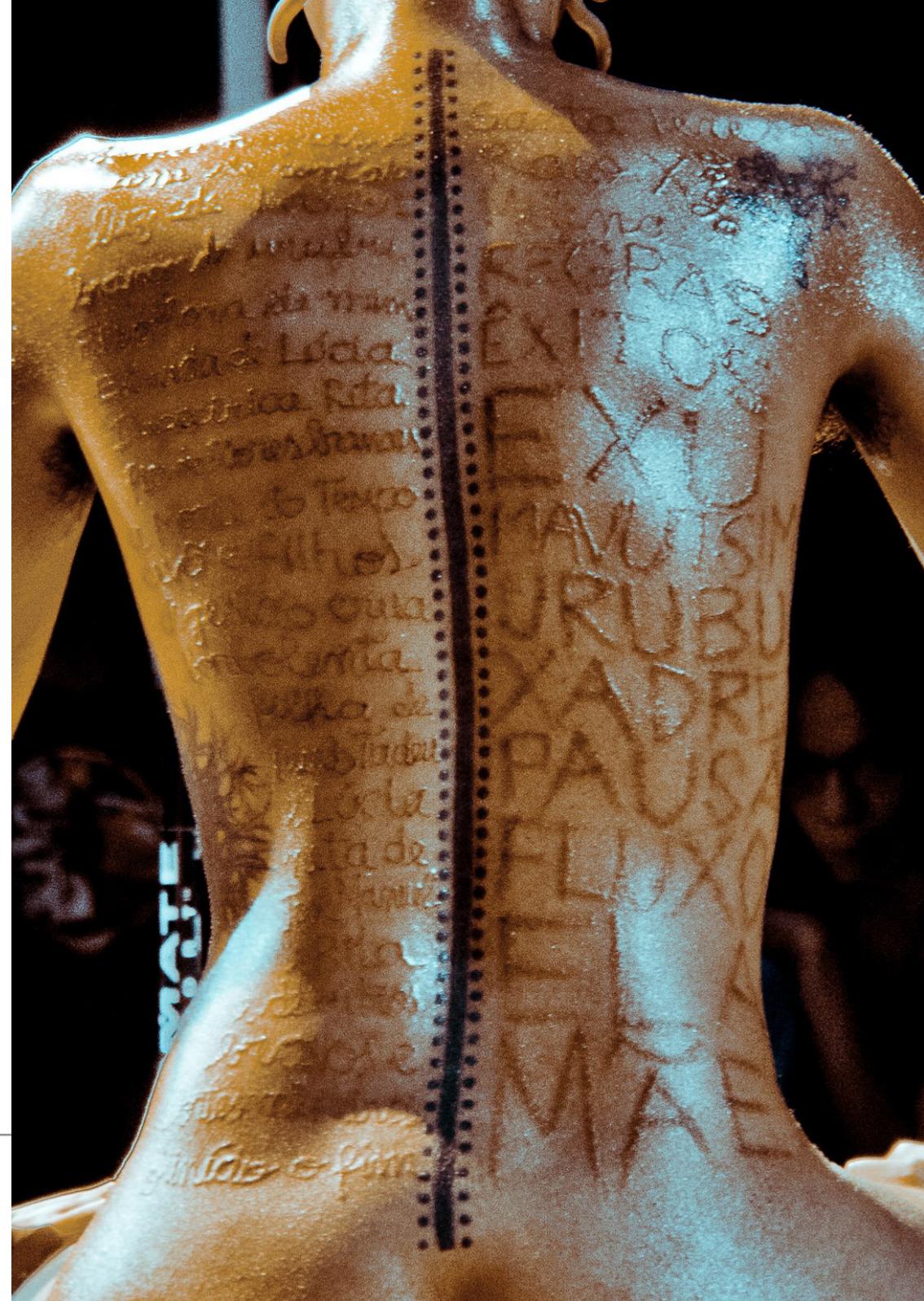


Figura 11. Sob o sol das cabras.

Vídeo 3. Registro de apresentação de Sob o sol das cabras: https://www.youtube.com/watch?v=uCnMo03VGZo&t=130s&ab_channel=sarapanamby

“Evoco a presença das pessoas e coisas desimportantes, das vidas frágeis, dos corpos precários, e por tudo isso resistentes. (...) Desde os antepassados inscrever na carne as histórias bastardas, que foram silenciadas pelo punho e aço das estruturas que sustentam os sistemas colonialistas que nos regem.”

(...)

“Faço filosofia barata, insignificante, assignificante, que perde de vista a gramática, a ortografia e a sintaxe. Eis aqui um novo léxico de bucatários imaginais, são cargas invaginadas de embriaguez diluvante, é uma dessas coisas que a gente pega e cola e não sabe o que fez.”

Figura 12. Trojan Whore (Puta de Tróia).



O título de *Trojan Whore* (2012) (Figura 12, 13, 14) seria traduzido por *Puta de Tróia* e se aproxima do som de *Trojan horse*, “cavalo de Troia” em inglês. Entre a puta e o cavalo que camufla um batalhão, a construção de uma figura feminina de curvas avantajadas, apresenta uma ambiguidade entre a fragilidade e a força, pela capacidade de enganar pela forma. A um processo de mumificação próprio de práticas de BDSM, soma-se a perfuração de seus lábios com agulhas entrecruzadas formando um X. Embora a rigidez da roupa e a tensão das agulhas em sua boca provoquem uma sensação inequívoca de encarceramento, a possibilidade de distensão e o jorro de sangue com a retirada das agulhas produz uma sensação reversa de potência. No *Livro das Danaides* (2013) (Figura 15, 16), Elton descreve essa experiência como próxima da impressão de “menstruar pela cara” ou “gozar em público”. Diz: “Daí, provooco um acidente, um desvio de onde os discursos fazem sentido. Faço sentir.” Em suas trocas de roupas e de peles, perfurações e sangramentos, a necessidade de torcer o curso das palavras, corpos, sentidos e sensações permeia todo o seu trabalho.

Como se trata de uma produção esparsa, árdua de ser encontrada, desta vez, esta seção da revista cumpre efetivamente a função de *portfólio* ao apresentar esse conjunto de trabalhos a um público mais amplo. Agradecemos profundamente a Elton pela grande generosidade em nos ceder essas imagens.³

³ No *vimeo* de Elton é possível encontrar outros de seus trabalhos: <https://vimeo.com/panamby>.

Figuras 13 e 14. Trojan Whore (Puta de Tróia).



Dai • au acabou mesmo ...

hoje que e dia
requinte
uma interrupção
em intervalo
a certa vez
deixou o meu
corpo cheio de
confusão
cheio de
nao
mi.

e o que
ordenava
vermelho
hoje
bomem
nao

o cheio vermelho
o gosto do furo
o mesmo que vou
a transando
circulação para
corpo dormente
corpo dormido
canto
ficando
no abismo
muito cheio
de mim
mesma

dai me
desce de
dentos pra
fora.
Meu corpo a
dentos e muito
pra fora.
entao
a cara
estava
cheia.

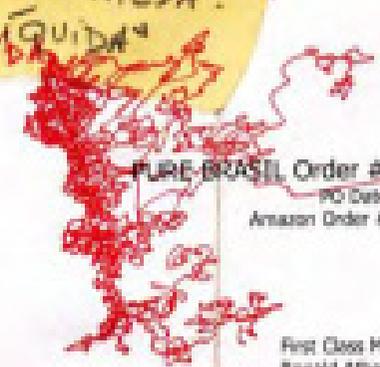


DAI PROVOCO UM ACIDENTE, UM DESVIO
DE ONDE OS DISCURSOS FAZEM SENTIDO.
FAÇO SENTIR.

MENSTRUO PELA CARA. O LIQUIDO
E' HORNO E LEITOSO, PROVOCA UMA
SENSIVIDADE NO AR. ME SINTO HISSANDO.
PARECE QUE GOZEI NA FRENTE DE
TODO MUNDO. FOI PORNOGRAFICO.
E AGORA, COMO DANÇA O SANGUE?
O DESLIZAR DA GOTA PELO ROSTO ATÉ
BATER NO PEITO. LIMPO O SANGUE COM
A CAMISA BRANCA QUE TORNO A VESTIR.
VOLTO A COMPORTAR ME
ME SINTO ACIDENTADA.
JA BEH DIZIA HILDA:
"A VIDA E' LIQUIDA"

Return Address:
PURE BRASIL
PO Box 647567,
Miami, FL - 33166
UNITED STATES

Contact us at:
purebrasil@gmail.com



amazon.com
Packing Slip

PURE-BRASIL Order #: 43098
PO Date: 06/27/2012
Amazon Order #: 100-4924943-8954667

First Class Mail International
Ronald Alvey
c/o Filipe Espinola
Ladeira Frei Orlando, 24, Santa Teresita

20230-000 Rio de Janeiro Rio de Janeiro
Brazil

Total Item Count: 1

SKU	Bar Code	Qty	Unit	Total
1000000000000000		1	1000000000000000	1000000000000000

Figuras 15 e 16. Livro das danaiades.